Congresso Intercontinental Modernismo Brasileiro

Universidade Federal de Santa Catarina

Homofobia e homoerotismo em torno aos primeiros textos modernistas de Mário de Andrade (1921-1923)

Conferência do dia 19 de outubro de 2022

JORGE VERGARA

Nesta apresentação comentarei dois textos de Mário de Andrade e a crítica preconceituosa ele que recebeu entre 1921 e 1923. Mário de Andrade implicou o escritor inglês Oscar Wilde como referência no poema "Paisagem N. 3" de *Paulicea desvairada* e o citou pelo nome no seu discurso de paraninfo em março de 1923. No poema é possível decifrar imagens homoeróticas, mas o mesmo não acontece no discurso de paraninfo. Eu comentarei brevemente o discurso de paraninfo, pois o nome de Oscar Wilde será usado na recepção homofóbica contra Mário de Andrade em 1923. Também apresentarei algumas publicações homofóbicas de três jornais distintos.

Mário de Andrade cita Oscar Wilde

O poema "Paisagem N. 3" de *Paulicea desvairada* de Mário de Andrade requer leitura atenta para decifrar alguns dos seus sentidos. Mário de Andrade registrou referências

eruditas que não são compreensíveis sem pesquisa, por exemplo, a referência ao Rei do Tule. Esta frase sobre o Rei do Tule recupera o relato sobre o rei que não pode ou não quer mais praticar os excessos libertinos da juventude, e por isso ele atira ao mar certa taça. A taça representa as lembranças libertinas e a força dessas lembranças. Mas aqui comentarei sobre como Mário de Andrade refere Oscar Wilde de modo a implicar o homoerotismo no poema "Paisagem N. 3".

A estrofe final do poema:

> Os homens passam encharcados...
> Os reflexos dos vultos curtos
> mancham o *petit-pavé*... [pequeno paralelepípedo]
> As rôlas da Normal
> Esvoaçam entre os dedos da garoa...
> (E si pusesse um verso de Crisfal
> No De Profundis?...)
> De repente
> um rádio de Sol arisco
> risca o chuvisco ao meio.

Em pesquisa na Hemeroteca da Biblioteca Nacional é possível verificar que a expressão "De profundis" circulou na época para referir especificamente o salmo 130 da Bíblia. Este salmo versa sobre arrependimento e auxílio divino, temas que não enquadram no poema. *De profundis* é o nome do livro que contém as cartas que Oscar Wilde escreveu ao seu amigo e amante Alfred Douglas quando esteve em prisão. A justiça inglesa condenou Wilde a dois anos de trabalhos forçados por sodomia. E a frase "verso de Crisfal" remete à poesia amorosa do escritor português Cristóvão Falcão (1512-1557). No século dezesseis, o pai do poeta o prendeu porque não aceitou o casamento feito por amor – e não pelos interesses socioeconômicos – de adolescentes de diferentes hierarquias sociais. Então Cristóvão Falcão escreveu cartas para sua amada desde a prisão. O relato sobre quem foi

Falcão pode ser verificado no livro de Cristóvão Falcão com introdução de Teophilo Braga publicado em 1915,[1] este livro que consta na Biblioteca que pertenceu a Mário de Andrade.

Deste modo, o verso do poema "Paisagem N. 3" relaciona Wilde e Falcão e isto implica a condenação da repressão da liberdade amorosa. Mário de Andrade propõe nexo entre Wilde e Falcão e isto permite destacar que ambos tiveram relações afetivas socialmente condenadas, para ambos a prisão é a forma pela qual se condenou a expressão desse afeto, e, ambos escreveram cartas aos seus amantes desde a prisão. Vejamos que ao descrever amantes, o tema das relações sexuais poderia estar no horizonte, mas no caso de Oscar Wilde, termos como "homoerotismo" ou "homoafetividade" expressam mais adequadamente a relação de afeto entre dois indivíduos do mesmo sexo.

O verso final é excepcionalmente enigmático: "De repente / um rádio de Sol arisco / risca o chuvisco ao meio". Existem palavras que assemelham e rimam por causa da vogal i: rádio, arisco, risca, chuvisco, meio. Eu entendo que as vogais com grafia fálica geram assonância e as palavras utilizadas completam a referência ao fálico. "Chuvisco" alude à imagem menos fálica, as gotas de chuva que caem. Risca ou risco, traço ou fazer traços. O termo "arisco" contém "risco" e se refere àquele que rejeita carinho ou é áspero, sentido que implica certa manifestação do masculino. Rádio pode denotar raio, imagens desenháveis por traços. "Rádio" é a metade do diâmetro, mas também é o osso que junto ao cúbito forma o antebraço, estrutura de dois ossos paralelos. O sentido do rádio que "risca o chuvisco ao meio" é a do calor que rasga o frio, mas ainda ficamos sem compreender o sentido ou o sentimento que essas frases evocam.

"Sol" com maiúscula aparece várias vezes em *Paulicea desvairada* de forma hermética. Na "Ode ao burguês": "Fará Sol? Choverá? Arlequinal! / Mas à chuva dos rosais / o

---

1Cristóvão Falcão. *Obras de Christovam Falcão:* trovas de Chrisfal. Carta, cantigas e esparsas. Com estudo sobre sua vida, poesias e epoca por Theophilo Braga. Porto: Renascença Portuguesa, 1915.

êxtase fará sempre Sol!", ou em "Paisagem N.1": "O vento é como uma navalha / nas mãos dum espanhol. Arlequinal!... / Há duas horas queimou Sol / Daqui a duas horas queima Sol" (1922, p. 68, 63). Estos versos podem relacionar-se pela presença do termo "Sol", nota-se a associação entre a navalha que corta e o rádio que risca; ainda, da mesma forma que "rádio", "navalha" suporta o sentido de duas efígies fálicas reunidas[2]. Ao analisar a poesia de Mário, Nelly Novaes Coelho oferece explicação para o uso de "Sol":

> [...] ("deixo que meu olhar te conceda o que é teu... carne que é flor de girassol"). Nesta última imagem vemos repetir-se uma identificação muito cara ao nosso poeta, e que ele usa com as mais diversas conotações: o amor ligado à ideia de *sol*. Sendo, pois, o amor um sol, o corpo da amada é uma flor que para ele se volta, atraída irresistivelmente como o girassol (COELHO, 1970, p. 151).[3]

A sentido de amor por meio do termo "Sol" após a referência a *De profundis*, e ligado a figuras fálicas, reforça a intensidade da imagem do poeta que escreve versos de amor nas cartas de Wilde. Os versos foram redigidos de tal modo que o leitor não entenderá alguns sentidos e sentimentos sem uma leitura lenta e mediada.

Mário de Andrade citou Oscar Wilde no seu discurso de paraninfo no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. O jornal paulista *Correio Paulistano* publicou o texto no dia 19 de março de 1923. Vimos que Mário de Andrade fez referência ao livro de Wilde no poema comentado. O exemplar do livro *De profundis* de Mário de Andrade contém marcas de leitura, a marginália. Mário sublinhou várias frases, entre elas a seguinte: "Hearts are made to be broken", "corações foram feitos para serem quebrados". No seu discurso de paraninfo, Mário de Andrade citou Oscar Wilde pelo nome e esta frase. Ele usou a frase para elaborar sobre a necessidade de sacrificar-se pelo Brasil. Ele argumenta que esse sacrifício não implica a divisão binária entre dor e felicidade, ao contrário, a dor traz felicidade. Eu não vou comentar este discurso com mais detalhes, pois Mário de Andrade

2 No Aurélio: "instrumento cortante, que consta de uma lâmina e de um cabo com dispositivo para resguardar o fio da mesma lâmina".
3 Nelly Novaes Coelho. *Mário de Andrade para a jovem geração*. São Paulo: Saraiva, 1970.

não elabora sobre homossexualidade, homoerotismo, homofobia ou qualquer tema relacionado. Mas o discurso de paraninfo é relevante porque um mês depois da publicação pelo *Correio paulistano*, Francisco Pati publicou certo artigo homofóbico contra os modernistas e Mário de Andrade, e Pati associa Oscar Wilde à Mário de Andrade para fazer a crítica preconceituosa e não oferece elementos para supor que tenha lido o poema "Paisagem N. 3". Ou seja, excetuando o poema "Paisagem N. 3", em 1923 Mário de Andrade não tinha publicações em defesa da homossexualidade, do homoerotismo, ou de Oscar Wilde.

A prensa publica conteúdo homofóbico contra Mário de Andrade entre 1921 e 1923

João da Eça publicou "Futurismo ou zoilismo?" em *A Gazeta* no dia 25 de agosto de 1921. O nome João da Eça é pseudônimo. O jornalista José Couto de Magalhães Sobrinho era o redator-chefe do jornal *A Gazeta* e autorizou a publicação. Pelo que pude verificar, o texto de Eça é a primeira publicação misógina e homofóbica contra Mário de Andrade. João da Eça explica que Mário de Andrade publicou um conjunto de artigos no *Jornal do Comércio*, referência para a série intitulada "Mestres do passado". Eça também menciona que Mário de Andrade é o autor dos livros *Paulicea desvairada* e *Ha uma gota de sangue em cada poema*.

No artigo, João da Eça registrou oito expressões para insultar a Mário de Andrade: rabino casto, o parto da montanha, dar à luz, abortar o livro ruim, menino, cantor castrado, anacoreta velho, e proprietário de imensas virgindades. "Parto da montanha" é referência à fábula de Esopo, pois João da Eça escreve que Mário de Andrade fez estardalhaço para entregar algo diminuto e ruim, seu livro *Há uma gota de sangue em cada poema*, livro publicado em 1917. Vejamos que redundância intensifica o sentido injurioso da misoginia,

pois Eça afirma haver quem tema o “parto da montanha”, que Andrade “deu à luz” da publicidade o livro, e que ele sorrateiramente pediu aos funcionários da “Limpeza Pública” que o ajudem a abortar o mesmo. O termo específico que João da Eça utilizou para indicar o aborto é “faiseurs d’anges”,[4] “fabricantes de anjos” em tradução livre. É expressão francesa que indicar aqueles que praticam aborto em mulheres, geralmente de forma ilegal. As figuras de João da Eça reproduzem de forma acrítica a associação entre maternidade e feminidade, e o conjunto torna evidente o sentido misógino e a injúria contra Mário de Andrade.

No artigo de João da Eça expressões como “rabino casto”, “anacoreta velho” a afirmação de que Mário de Andrade (o mais afinado menino) seria como os “antigos cantores da Capela Sistina”, e o tema da virgindade aludem a afeminação para implicar a homofobia. Pelo contexto do artigo, é possível entender a castidade e a virgindade com conotações pejorativas, pois os termos sugerem a imaturidade e a incapacidade sexual de Andrade. A referência aos “antigos cantores” associada a menção duplicada da musicalidade de Andrade (ele é o menino afinado, ele entende de música),[5] é referente para a castração, pois somente em 1903 a Igreja Católica suspendeu a contratação de cantores castrados. Neste conjunto de expressões, João da Eça indica que Andrade seria virilmente falhado e fracassado. A implicação entre homossexualidade e musicalidade não é originalidade de João da Eça, pois em textos de medicina legal produzidos no Brasil na época se ecoavam as teses que relacionam a musicalidade com a homossexualidade, a qual era definida como doença mental.

4 “E ha quem tema com razão; porque esse Sr. Mario de Andrade já deu á luz da publicidade um livro – Ha uma gota de sangue em ada poema – que, cautelosamente, á socapa, teve e (sic) mandar aos “faiseurs d’anges” da Limpeza Publica” (Eça, 1921, p. 2).

5 “O clero indígena ficou assim ameaçado de perder um dos seus mais afinados meninos e coro, o único, talvez, que poderia competir com os antigos cantores da Capela Sistina. (O Sr. Andrade me entende...)” (Eça, 1921, p. 2). A frase “O Sr. Andrade me entende” também pode implicar o catolicismo de Mário de Andrade e não apenas que Andrade é professor de música.

João da Eça mistura elementos misóginos com elementos homofóbicos. Ao considerar a concisão do texto, a falta de argumentos sobre literatura e modernismo, e a variedade de expressões para insultar o escritor, entende-se que o objetivo do texto é insultar e incitar o escárnio à custa de Mário de Andrade. As expressões implicam crenças implícitas sobre a inferioridade feminina, a musicalidade e a homossexualidade, e essas crenças dizem respeito ao resto da população, e não só a Mário de Andrade. Qualquer pessoa que tivesse lido o artigo de Eça seria exposta ao discurso que atualizou preconceitos da época.

O jornal paulista *A Gazeta* publicou conteúdo contra os modernistas paulistas entre 1921 e 1922, e Couto de Magalhães utilizou seus pseudônimos Carlos da Maia e Mestre Cook para ridicularizar versos de Mário de Andrade. João da Eça escreveu um texto excepcional na agressividade das expressões preconceituosas.

O segundo caso a detalhar é o artigo do advogado e escritor Francisco Pati. Este artigo é parte da campanha de higiene estética e moral da *Folha da Noite* em 1923. Francisco Pati também estudou medicina, escreveu poesia e fez traduções. Intitulou seu artigo "O crime de Oscar Wilde: São Paulo e seus homens de letras" e publicou-o na *Folha da Noite* no dia 27 de abril de 1923. Em "O crime de Oscar Wilde" Francisco Pati cria uma relação implícita entre o escritor inglês e a homossexualidade para criticar os modernistas paulistas e Mário de Andrade. Na época se sabia que a justiça inglesa condenou Wilde a dois anos de trabalho forçado por prática de sodomia. Sodomia era o nome que se dava na Inglaterra da época para referir-se as relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Houve escândalo internacional dado que a fama de Wilde era enorme. O caso de Oscar Wilde é citado em quase todos os livros de medicina no Brasil que tratam de

homossexualidade na primeira metade do século vinte.[6] Por isso, eu entendo que a sodomia está implícita no título que Pati escolheu para seu artigo.

Pati argumenta que Wilde influenciou todos os "futuristas" de modo geral, sem citar autores ou obras. Alega que o plágio que os modernistas tanto praticam é consequência da leitura de Wilde e de seus paradoxos. Também escreve que aprova o apedrejamento das livrarias inglesas que expõem as obras de Wilde, e isto apenas devido à má influência de Wilde sobre outros escritores no que diz respeito aos paradoxos, os plágios e a imitação. Mas Francisco Pati sabe que os ingleses que apedrejaram as livrarias não o fizeram pelo plágio ou por alguma prática literária. Por isso afirma que as "relações ilícitas" de Wilde com os moços de seu tempo não são motivo para a "perpétua execração" da obra do escritor, como se insinuasse que não lhe incomoda o "crime" de Wilde, a homossexualidade. Pati não usou expressões da época tais como "homossexualidade", "uranismo", "inversão", "sodomia", ou "pederastia".

No artigo, Francisco Pati escreve para associar Wilde e Mário de Andrade à homossexualidade por meio da insistência em citar as referências ao que chamou de "crime". O anterior pode observar-se pelos termos que o Pati armazena em seu texto. Se Pati escreve que as relações ilícitas de Wilde com os moços não são motivo para a execração definitiva de Wilde, ele cita vários referentes para que o leitor tenha em mente a homossexualidade. Além do título, Pati refere Robert Sherard, quem defendeu Wilde das acusações e foi seu amigo e biógrafo. Menciona Alfred Douglas e seu livro *Oscar Wilde and myself*. Douglas foi amigo e amante de Wilde. Pati registra o nome do cárcere onde Wilde esteve preso, *Reading*, e o livro que escreveu lá, *De Profundis*. Pati menciona André Gide e escreve que este é medíocre. Gide foi amigo de Wilde e autor de livros sobre a

6 Ver Estácio de Lima (1935: 164), Antonio Bello da Motta (1937: 54), Gregório Marañon (1938: 162), Leonídio Ribeiro (1938: 53, 66) e Hernani de Irajá (1954: 191).

homossexualidade, livros que eram conhecidos e criticados por isso na época. Quando Pati finaliza sua redação, alega que os modernistas paulistas perpetuam a "nódoa" do nome de Wilde ao imitar seus processos de escritura. Uma vez mais, Pati não menciona a homossexualidade, mas ela está implícita no uso do termo "nódoa". Sem nomeá-la diretamente, Pati implica a homossexualidade como algo ruim.

Francisco Pati argumenta que o estado "anormal" da arte em São Paulo é consequência das leituras mal digeridas dos "eunucos das letras paulistas". O conceito de anormalidade é próprio da medicina que descrevia a homossexualidade como doença mental.[7] E a figura da virilidade sem sua capacidade de reprodução é o sentido do termo "eunuco". Então notamos haver um conjunto enorme de expressões para indicar a homossexualidade sem nomeá-la e assim estigmatizar e criticar os modernistas.

No artigo, Pati não registrou o nome de Mário de Andrade, entretanto Pati implica Mário de Andrade sem citá-lo pelo nome: "A um professor de musica do conservatório não é facultado, de uma hora para outra, passar dos domínios estritos do solfejo para as concepções amplas da Estética. A arte exige um período de preparação muito maior que o tempo necessário á formatura de um hábil regente de filarmônicas".

Na época Mário de Andrade era o único professor de música do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo que tinha reconhecimento no meio jornalístico, e que participou da organização da Semana de Arte Moderna. Nesse momento Mário de Andrade havia publicado artigos sobre artes plásticas na *Revista do Brasil*, fruto de sua erudição autodidata, além de diversos artigos sobre crítica literária e musical. Ainda, o professor escreveu e publicou o primeiro livro de poesia modernista no Brasil, *Paulicea desvairada*. Entretanto, Mário de Andrade não atuou como regente (diretor de coro) fora da Congregação

---

7 José Ricardo Pires de Almeida. *Homosexualismo:* a libertinagem no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1906, p. 98, 185.

Mariana da Igreja de Santa Ifigênia. Mário teve classes de canto, e estudou piano. No mundo da música de tradição europeia, o regente é o profissional que necessita o estudo mais abrangente, pois deve coordenar e orientar as práticas musicais de todos os outros instrumentistas e cantores. No fragmento citado, Pati parece acreditar que pessoas que cursaram quatro anos na Faculdade de Direito ou na Faculdade de Medicina estão autorizadas a expressar conhecimento sobre algo que, em princípio, não estudaram. Porque um especialista em direito sentiu-se autorizado a desacreditar um especialista em música? Eu não tenho resposta para isso. No discurso de paraninfo que o *Correio paulistano* publicou um mês antes do artigo de Pati, Mário de Andrade defendeu práticas musicais folclóricas e o caráter erótico de certas formas artísticas, citou Oscar Wilde e afirmou que com alegria e dor havia que trabalhar para construir a nação. Sem fazer nenhuma referência a homossexualidade ou ao homoerotismo, e esse texto, Mário de Andrade não defendeu práticas modernistas em artes.

Para concluir sobre o artigo de Francisco Pati: o exemplar de Mário de Andrade do livro *De Profundis* está com as marcas da marginália que ele deixou, e referências a Oscar Wilde existem em pelo menos dois textos anteriores à publicação de Pati. Que Francisco Pati escrevesse seu artigo antimodernista com tantas referências a homossexualidade de Wilde e implicasse a Mário de Andrade é um ataque homofóbico a este e aos modernistas.

Sob a direção do escritor Manuel Bastos Tigre, a revista humorística *D. Quixote* circulou no Rio de Janeiro entre 1917 e 1927. *D. Quixote* publicou conteúdo homofóbico e capacitista contra os modernistas paulistas e Mário de Andrade entre 1920 e 1925. Mas aqui só comentarei apenas uma charge de 1923 e uma publicação de 1920.

O caricaturista Belmonte criou a charge em que certa mão sustentava o futurismo representado com características dos “moços bonitos” para a campanha da *Folha da Noite*.

Essa charge acompanha o artigo em que Cassiano Ricardo injuriou os futuristas. Cassiano Ricardo escreveu que os futuristas precisavam de aclamadores e "garotos", e utilizou o tema do pó de arroz para reforçar as imagens de afeminação e homossexualidade, isto na *Folha da Noite*. Belmonte é o nome artístico de Benedito Bastos Barreto. Ele trabalhou para a *Folha da Noite* durante a década de 1920 e criou a personagem Juca Pato para esse jornal. Em 1923 e com apenas duas semanas de diferença com a publicação da *Folha da Noite* citada, Belmonte também representou os futuristas com elementos dos "moços bonitos" em charge publicada na revista carioca *D. Quixote*. É o caso da charge intitulada "Futurismo em mãos lençóis" do dia 4 de abril de 1923. Belmonte representou certo "futurista" ao fugir de um grupo liderado por um policial. O policial leva um chapéu com a palavra "Folha", referência a campanha de higiene estética e moral da *Folha da Noite.*

Entendo que o "futurista" de Belmonte é "moço bonito" graças ao seu paletó e sapatos com desenhos, luvas, chapéu enfeitado com plumas, um lenço no bolso do paletó, elementos que enfatizam a atenção à aparência. Na caricatura, o jovem deixa cair alguns objetos ao fugir, um deles é a revista *Klaxon* e o outro é *Paulicea desvairada*, deduzo isto último devido ao desenho de losangos na capa, traço em comum com outras representações de Mário de Andrade e desse livro. A roupa do futurista é feita com desenhos de quadrados e losangos, e por isso, pode ser que houvesse a intenção de representar o próprio Mário. Fora os losangos da roupa, não há outros traços na caricatura que permitam pensar que Belmonte representou Mário de Andrade, por exemplo, aqueles que ele usa em outras ocasiões para representar seu rosto. A revista *Klaxon* foi dirigida por Mário de Andrade e já comentei que *Paulicea* foi o primeiro livro de poesia modernista do grupo paulista. Então, na charge de *D. Quixote*, Belmonte informa de maneira jocosa sobre a campanha da *Folha da Noite* e invoca o ponto de vista do jornal paulista ao recuperar a figura do "moço bonito"

contra os modernistas paulistas. Não vou detalhar aqui, apenas registro que Mário de Andrade também usou a imagem do "moço bonito" no seu poema "Cabo Machado" de *Losango cáqui*, mas diferentemente das publicações jornalísticas, o "moço bonito" de Mário de Andrade corresponde a certo militar mulato, culto e afeminado, sendo que no poema de Mário não há conotações pejorativas.

As expressões "moços bonitos" e "moço bonito" tiveram múltiplos sentidos e circularam em periódicos brasileiros na primeira metade do século vinte. Junto a outros sentidos, elas foram referência para a afeminação, a homossexualidade, o travestismo, o transformismo e a prostituição masculina. Em pesquisa anterior eu também registro a existência de alguns varões que se identificaram e usaram nomes, roupas, maquiagem e atitudes de mulheres, prostitutas e artistas mulheres, e isto associado ao uso da expressão "moços bonitos".[8]

Ainda sobre o tema da afeminação e a homofobia, a revista *D. Quixote* publicou a crônica "Almofadismo" no dia 18 de agosto de 1920 para satirizar alguns escritores que integrarão depois o grupo modernista. Nessa data o grupo de modernistas da Semana de 1922 ainda estava em processo de criação. A crônica atacou três escritores e o "almofadismo", e não a ação de algum grupo literário, como sucede depois, por exemplo, com o termo "futurista". Este texto permite comparar o uso de certas expressões que se assemelham à figura do "moço bonito". Nesta crônica existe o uso da expressão "menino bonito" e referências aos "almofadinhas" no título e no texto. Este último termo indicava os varões que excessivamente cuidam das roupas, e teve um uso muito semelhante ao dos "moços bonitos", mas diferentemente destes, os "almofadinhas" não costumam ser associados à prostituição masculina e ao travestismo.

8 Jorge Vergara. (2021). Los «mozos bonitos»: La expresión que fue referencia para las prácticas de género en Brasil. *Con X*, (7), e040. https://doi.org/10.24215/24690333e040

Segundo o relato da revista *D. Quixote* a polícia de São Paulo perseguiu os "meninos bonitos" e não há outros detalhes sobre esse assunto, pois o assunto serve para introduzir de forma satírica o tema dos "almofadinhas". O redator usou essas expressões e podemos supor que o leitor da época deveria saber suas implicações. Em "Almofadismo" se registra que Menotti del Picchia poderia transformar-se em "almofadinha", que o escritor Agenor Barbosa adora a arte "almofádica", e que entre as pessoas que frequentam a Faculdade de Direito de São Paulo, no Largo de São Francisco, há muitos "almofadinhas". A menção a Faculdade provavelmente é indicação das práticas literárias dos seus alunos, que costumavam fazer reuniões e grupos literários. Também se menciona que o poeta Guilherme de Almeida teve a ideia de escrever o *Manual do perfeito almofadinha*, onde abordará o assunto por inteiro, incluindo "*de como se meneia o corpo e se usa o arminho*" (itálico no original). Esse título é chiste, o livro nunca existiu. Pela última frase vemos como a preocupação com as maneiras e a aparência é apresentada como algo pejorativo. Menotti del Picchia, Agenor Barbosa e Guilherme de Almeida colaboraram com a Semana de Arte Moderna de 1922, mas não posso asseverar que na data citada a revista *D. Quixote* estivesse atacando-os por serem "futuristas", termo que não aparece. A publicação de 1920 nos indica como termos para a afeminação e a homossexualidade ("almofadinha", "menino bonito") foram usados contra os escritores paulistas.

Considerações finais

Ante de finalizar, consideremos que especialistas em letras produziram crítica preconceituosa contra Mário de Andrade em um lapso de tempo que abarca quase duas décadas. Escritores e jornalistas publicaram textos para debater arte e criticar a produção de

Mário de Andrade em três processos. Em primeiro lugar, a campanha de higiene estética e moral do jornal paulista *Folha da Noite* em 1923. Nesta campanha os autores publicaram ao redor de sessenta e três artigos ao longo de sete meses, e nesses artigos veicularam conteúdo racista, homofóbico e capacitista. O segundo processo corresponde ao conhecido caso da *Revista de antropofagia* em 1929, quando Oswald de Andrade e seu grupo criaram conteúdo misógino, homofóbico e racista contra Mário de Andrade. Neste caso o conteúdo circulou no meio da divulgação das ideias de renovação estética de Oswald de Andrade e seu manifesto antropofágico. O terceiro caso, é o processo iniciado sob a responsabilidade de Jorge Amado no jornal carioca *Dom Casmurro* em 1939, neste caso, os autores criaram conteúdo homofóbico e racista para criticar a produção e a atuação de Mário de Andrade. Eles alegavam que Andrade não estaria atingindo as expectativas dos jovens que viam Mário de Andrade como líder, tendo como horizonte o enfrentamento do nazismo e a emergência da Segunda Guerra Mundial. Os três processos referidos tornam evidente que o conteúdo preconceituoso era considerado material aceitável para produzir crítica literária e debate estético em publicações jornalísticas, e isto sob a responsabilidade de especialistas em letras, especificamente, escritores e jornalistas.

Eu quero assinalar que os artigos comentados são uma mostra de textos singularmente agressivos e que selecionei fruto da minha pesquisa sobre o preconceito. Ideias preconceituosas não necessitam da versão mais agressiva para possuir expressão e reprodução. Nesta apresentação eu não considerei maiores detalhes de discursos racistas, misóginos e capacitistas, mas na pesquisa mostra que essas formas de preconceitos coexistiram com a homofobia. Também é pertinente registrar que no momento destes ataques, Mário de Andrade não publicava textos em defesa da homossexualidade. Mário de Andrade publicou vários textos em que elabora sobre a questão da homossexualidade e a afeminação,

mas ele não promoveu esses temas como fazem artistas, organizações sociais e militantes na atualidade. Com exceção das pessoas que enfrentavam o preconceito social em temas de gênero, por exemplo, as travestis e as mulheres que lutavam pela emancipação feminina, posso afirmar que no tempo em que Mário de Andrade viveu não existiu produção de conteúdo para promover os direitos das minorias homossexuais de forma explícita e específica. Por isso a existência de textos que representam o homoerotismo é significativa.